

**O PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO:
UM TEMPO PRESENTE?**

**Henriqueta COSTA CAMPOS
FCSH-UNL**

RESUMO

Na sequência de um estudo em que se representa formalmente a diferença entre os valores temporais e aspectuais do pretérito perfeito simples e do pretérito perfeito composto, e tendo em conta que, em diversas línguas, o pretérito perfeito composto é traduzido pelo presente complementado por adverbiais, procura-se estabelecer a distinção entre estes dois tempos. Parte-se, para isso, da sua possibilidade de coocorrência com alguns adverbiais temporais. Faz-se uma breve referência ao valor do pretérito perfeito composto em galego.

0. Num estudo que já tem alguns anos (Campos 1984), procurei caracterizar o pretérito perfeito composto, distinguindo-o formalmente do pretérito perfeito simples, no seu valor aspectual e temporal. Esta distinção é clara em termos metalinguísticos, como o é na intuição de qualquer falante nativo. Parece, no entanto, constituir uma dificuldade para alguns falantes não-nativos que, embora possuindo uma boa competência do português, mostram insegurança na utilização dos pretéritos perfeitos, que não raro confundem, certamente sob a influência da prática de outras línguas românicas.

Na sequência daquele estudo, vou acrescentar agora algumas notas, que poderão constituir achegas para uma visão mais global do pretérito perfeito composto.

1. A propósito das singularidades gramaticais da língua portuguesa, tenho algumas vezes ouvido que todas as características consideradas exclusivas do português dizem igualmente respeito ao galego.

Não tenho conhecimentos da língua galega que me permitam ter uma opinião sobre se, sim ou não, podemos reivindicar a exclusividade do infinitivo flexionado ou do futuro do conjuntivo. Procurei, no entanto, saber alguma coisa sobre os valores subjacentes ao uso da forma do perfeito composto em galego.

Na impossibilidade de recorrer a informantes nativos que me fornecessem dados para análise, limitei-me à informação contida em descrições gramaticais que, na sua diversidade, constituíssem matéria para possíveis conclusões.

No capítulo que, na sua *Gramática Portuguesa*, Pilar Vaequez Cuesta dedica à língua galega, encontram-se os seguintes exem-

plos de ocorrência do pretérito perfeito composto (Cuesta 1971. 119):

- (1) Teño matinado bastas veces que habería de aillar ó filósofo
'He pensado bastantes veces que habría que aislar al filósofo'
- (2) Endexamáis temos mirado a tal soio, e como lonxano, o pórtico da catedral de Tuy
'Nunca hemos visto tan sólo y como lejano el pórtico de la catedral de Tuy'
- (3) Olvidar outro por ti/eso xa cho teño feito
'olvidar a otro por ti/eso ya lo he hecho'
- (4) Non se ten inda inventado música como a galega
'No se ha inventado aún música como la gallega'

Combinando o texto galego com a tradução castelhana parece-me que, aos exemplos (1) e (3), se pode associar um valor iterativo, localizado em relação ao tempo da enunciação, equivalente, portanto, ao valor do perfeito composto em português. Os exemplos (2) e (4), porém, seriam mais adequadamente traduzidos em português pelo pretérito perfeito simples.

A observação destes quatro exemplos permitiria concluir que, em galego, a par do valor iterativo, o perfeito composto pode exprimir um valor singular localizado no passado em relação ao tempo da enunciação. E, então, essa aproximação dos valores das duas formas do pretérito perfeito significaria que o galego se está a afastar do português, tendendo a integrar-se na evolução que se verificou para as restantes línguas românicas.

Mas tal aproximação, a existir, parece não ser significativa. Cuesta (1971.119) afirma que os tempos compostos - formados com o auxiliar *ter*, como em português - são muito menos frequentes do que os simples e que se usam sempre com matiz reiterativo.

As descrições de Rojo (1974) e de Carballo Calero (1979) permitem captar mais em pormenor os valores subjacentes à construção "ter + participio passado", quando o verbo *ter* se combina com o presente do indicativo. No entanto, não perco de vista que

o uso efectivo da língua hoje pode estar já a subtrair-se à rigidez descritiva das gramáticas.

Segundo Carballo Calero (1979.210), o enunciado (5):

(5) Teño escrito unha carta

não se traduziria em português pelo perfeito simples "escrevi uma carta" - para isso haveria a forma *escrebin* -, nem pelo perfeito composto "tenho escrito uma carta". De resto, esta última sequência, na ausência de um contexto exprimindo uma determinação iterativa, não seria enunciável em português. *Teño escrito unha carta* não é, então, o pretérito perfeito de "escreber unha carta", mas o presente de uma forma perfectiva a que corresponderia, em português, "tenho escrito uma carta", ou, talvez mais naturalmente, "tenho uma carta escrita".

A construção "ter + participio passado" constitui então, não um tempo composto, ao lado do tempo simples correspondente no sistema verbal do galego, mas uma perífrase perfectiva ou resultativa (op. cit. 212). Note-se - e aqui reside um dos seus aspectos interessantes - que aquela construção, marcando um valor aspectual de estado resultante, parece não exigir necessariamente, ao contrário do que se passa para o português, a concordância em género e número entre o objecto directo do verbo *ter* e o participio passado, na função tradicionalmente designada de "predicativo do objecto directo".

Assim, para Carballo Calero (1979.315), a forma galega que corresponde ao perfeito composto português conserva o valor historicamente primitivo que remonta à forma latina "habeo + participio". A forma do perfeito simples - *escrebin* - traduz as formas simples e composta do pretérito perfeito castelhano: "escribí" e "he escrito". Segundo Carballo Calero, serão imperceptíveis, para o falante galego, os diferentes matizes aspectuais que, em castelhano, estão associados a cada uma dessas formas. E a forma composta do galego só é usada quando se pretende acentuar o valor perfectivo de uma acção.

Royo (1974) refere igualmente este valor perfectivo, baseando-se na descrição de Carballo Calero na 3ª edição, de 1970,

da sua Gramática. Rojo (1974.129) chama no entanto a atenção para a concordância que se verifica entre o participio e o objecto directo de *ter*, como se exemplifica em (6):

(6) (...) unha caixa de puros que teño gardada para vostede(...)

Para Rojo, não se trata, neste caso, de uma construção perifrástica.

Mas Rojo considera também que à forma composta do perfeito galego pode, em alternativa, ser atribuído um valor iterativo, em que o participio permanece invariável na forma do masculino singular. Quer essa iteratividade seja complementada por um adverbial, como em (7) (op. cit. 130):

(7) Eu, moitas veces, teño cazado nun dia máis de vinte perdices,

quer seja expressa unicamente pela forma verbal, como em (8) (op. cit. 131):

(8) - Non señor, que a min ténenme dito que roubar é pecado,

estamos perante um valor equivalente ao que tem a forma correspondente em português.

Podemos então concluir, na sequência de Rojo (1974) e de Carballo Calero (1979), que a construção "ter + participio passado", quando o verbo *ter* está no presente do indicativo, apresenta dois valores distintos: um deles identifica-se, na sua peculiaridade, com o valor que essa construção tem em português; o outro corresponde ao presente com valor perfectivo que, historicamente, se situa na fase inicial de um processo de gramaticalização já terminado nas outras línguas românicas.

Finalmente, para além das descrições gramaticais, pude avaliar estas conclusões recorrendo a um informante, ainda que involuntário: percorri o texto de Carballo Calero em galego - "Sobre

as inovações de Rosalia de Castro" - publicado no *Boletim de Filologia* 28, de 1983, e encontrei algumas - poucas - ocorrências de forma composta que estamos a estudar. Ao lado de ocorrências cujo valor se me afigura ambíguo, outras há com valor iterativo:

- (9) (...)vários estudiosos temo-nos ocupado em sublinhar as novidades (p. 306)

Noutras ainda, parece-me encontrar o valor perfectivo do estado resultante:

- (10) É um dos três casos de aparente metria que eu tenho analisado na minha *História da literatura galega contemporânea* (p. 315)

Chegados a este ponto, há que voltar aos exemplos que primeiro observei e que interpretei como tendo valor de perfeito simples. Tratando-se de verbos transitivos directos, a proximidade semântica entre o valor de acção subjacente ao perfeito simples, e o valor de estado resultante dessa acção, expresso pela construção "ter + particípio passado", propicia a confusão entre esses valores, na ausência de marcas de concordância sintáctica que determinem a selecção do segundo desses valores. Assim, o exemplo (4), ao ser reinterpretado como um estado resultante - sem qualquer matiz reiterativo -, pode ser traduzido em português por "Não há (ou não está) ainda inventada música como a galega". E, com esta leitura, iríamos ao encontro das conclusões acima tiradas.

2. O segundo ponto que aqui quero levantar está relacionado com a constatação de que, em muitas línguas, o perfeito composto português é traduzido por uma forma verbal de presente, complementada por um adverbial adequado.

Tendo em atenção os problemas de tradução que se podem pôr quando o português é a língua origem, surge a necessidade de uma definição formal dos traços que ou aproximam ou distinguem aqueles dois tempos gramaticais. Se é certo que o tradutor humano consegue

adquirir uma sensibilidade linguística que lhe dá a possibilidade de, em cada ocorrência, interpretar e, conseqüentemente, traduzir um texto adequadamente, que dizer da tradução automática onde aquela "sensibilidade" tem de ser previamente fornecida a uma máquina, sob a forma de traços?

Como dar conta, por exemplo, da fraca aceitabilidade do enunciado (11a), ao lado de (11b) e (11c), perfeitamente aceitáveis?

- (11) a. ?ele tem estado doente há cinco dias
 b. ele está doente há cinco dias
 c. ele esteve doente há cinco dias

Substituindo *há cinco dias* por *desde 6^a feira* ou por *de há cinco dias para cá*, a aceitabilidade de (11a) passa a ser boa.

Se a natureza aspectual da relação predicativa for não-estativa, verifica-se a mesma reduzida aceitabilidade, como em (12a):

- (12) a. ?ele tem ido a Bruxelas há muitos meses
 b. ele vai a Bruxelas há muitos meses
 c. ele foi a Bruxelas há muitos meses

Aparentemente, o problema reside na ambiguidade dos adverbiais temporais do tipo "há Q unidades de tempo", em que 'Q' é um quantificador. As duas interpretações deste adverbial correspondem traduções diferentes para francês e para inglês: (11a) e (11b) são traduzidos por "il est malade depuis cinq jours" e por "he has been sick for five days"; e (11c) teria como tradução "il a été malade il y a cinq jours" e "he was sick five days ago", respectivamente.

Há, portanto, uma certa incompatibilidade entre a referência temporal marcada no tempo gramatical pretérito perfeito composto e a especificação dessa referência através daquele tipo de adverbial. O pretérito perfeito composto parece recusar a coocorrência com uma forma que, pelo menos numa das interpretações, é representável por um intervalo fechado cujo último ponto coincide com um ponto abstracto que se pode designar por momento da enunciação. É essa re-

cusa decorre do próprio valor temporal-aspectual do pretérito perfeito composto, ao qual se pode associar um intervalo aberto: nenhum dos pontos deste intervalo é construído como o último ponto que valida a relação predicativa localizada (Campos 1984).

Um levantamento das restrições sobre os diferentes adverbiais que coocorrem com os tempos gramaticais aqui abordados poderá contribuir para a sua caracterização. No esboço de análise que acabo de apresentar, limito-me a observar um determinado comportamento do pretérito perfeito composto e a tentar explicá-lo. A complexidade de problemas que põe o presente gramatical ultrapassa as possibilidades de tratamento neste contexto.

3. Outra característica interessante em que o pretérito perfeito composto se pode comparar ao presente gramatical. Ao enunciado (13):

(13) o avião de Roma chega às duas horas

correspondem duas interpretações:

a) uma interpretação singular: o enunciado é localizado em relação à situação de enunciação Sit_0 . O presente gramatical, aqui com valor de futuro relativamente a T_0 , é complementado por um adverbial - neste caso o SP *às duas horas* -, que especifica a referência temporal;

b) uma interpretação genérica: o enunciado não é localizado em relação ao tempo da enunciação e tem valor de 'hábito'. Esta interpretação seria seleccionada pela explicitação de um contexto como, por exemplo, nos meses de Inverno. O valor de 'hábito' corresponde à atribuição de uma propriedade - "chegar às duas horas" - a uma entidade - representada, em (13), pelo SN *o avião de Roma*. E essa atribuição é válida em qualquer T_i ou T_j , sendo $i \neq j$, e portanto também em T_0 (ver Comrie 1985.39).

Vejamos agora o enunciado (14) em que ocorre o pretérito perfeito composto:

(14) o avião de Roma tem chegado às duas horas

Neste enunciado, o adverbial às duas horas não é marcador de referência temporal, mas faz parte da própria relação predicativa. A referência temporal-aspectual está subjacente ao tempo gramatical e pode ser suplementada por adverbiais como durante esta semana, ultimamente, etc.

Este valor é, portanto, próximo do valor de 'hábito', expresso em (13) pelo presente. Mas enquanto que, em (13), a sequência de situações construídas (Sit_i , Sit_j) não é localizada em relação a Sit_0 , a sequência de situações subjacentes a (14) é localizada em relação à situação de enunciação.

4. Pensar o pretérito perfeito composto como um tempo presente não é ideia original. Já Jerónimo Soares Barbosa o designava de "presente perfeito relativo" (Barbosa 1881.147).

Em galego, vimos, a forma composta do perfeito parece, num dos seus valores, ser um tempo presente. Em português, porém, esse valor não é expresso pelo pretérito perfeito composto mas por uma construção de tipo transitivo-predicativo.

Por um lado, alguns empregos do perfeito composto justificam que se valorize a sua dimensão de pretérito, como o faz, por exemplo, Solano Constâncio, que lhe chama "pretérito indefinito" (Constâncio 1831.113).

Mas, por outro lado, o pretérito perfeito composto marca a construção de um valor referencial de tempo que tem o ponto T_0 da enunciação como localizador e, geralmente, se não sempre, como um dos pontos da classe de instantes que lhe é associada. Poderá este facto levar-nos a concluir que o pretérito perfeito composto está mais próximo do presente da enunciação do que o próprio presente gramatical?

BIBLIOGRAFIA

- Barbosa, J. S. (1822[1881⁷]) - *Grammatica Philosophica da Lingua*. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias.
- Campos, H. C. (1984) - "Pretérito perfeito simples/pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal. *Letras Soltas* 2, 09-53.
- Carballo Calero, R. (1966 [1979⁷]) - *Gramática Elemental del Gallego Común*. Vigo, Galaxia.
- Comrie, B. (1985) - *Tense*. Cambridge, Cambridge Univ. Press.
- Constancio, F. S. (1831) - *Grammatica Analytica da Lingua Portuguesa*. Paris, Em casa de J. P. Aillaud, Quai Voltaire, nº 11.
- Cuesta, P. V. e M. A. M. de Luz (1971) - *Gramática portuguesa*, Madrid, Gredos.
- Rojo, G. (1974) - *Perífrases verbales en el gallego actual*. Univ. de Santiago de Compostela, Verba, anexo 2.